



ETRAMENTO

E ORALIDADE

ENTRE NARRATIVAS

E CORDÉIS

Conselho Editorial

Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonieta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
DIlubia Santclair
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Lauro Sérgio Machado Pereira
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofelia Garcia
Oseas Bezerra Viana Jr.
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sweder Sousa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Wilson Leffa
Viviane Resende

Anderson de Carvalho Pereira

LETRAMENTO
E ORALIDADE
ENTRE NARRATIVAS
E CORDÉIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Anderson de Carvalho

Letramento e oralidade [livro eletrônico] : entre narrativas e cordéis / Anderson de Carvalho Pereira. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-739-8

1. Escrita 2. Letramento - Brasil 3. Língua e linguagem
4. Literatura de cordel - Brasil 5. Oralidade I. Título.

23-168474

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise de discurso crítica : Discursos,
identidades e letramentos : Linguística 401.41

capa: Studio Rotta design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final do autor

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2023

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para a
Rachel Costa Ferreira dos Santos,
minha companheira e para a
minha filha Cecília Costa Pereira,
coautoras indiretas do amor
e da paciência.*

Agradecimento

Agradeço aos vários colegas com quem dividi as questões abordadas neste livro e tantas outras na labuta cotidiana de que resultou este livro:

No Brasil, Leda Verdiani Tfouni, Claudemir Belintane, Alexandre Mantovani, Fábio Leme, Dario Schezzi, Felipe Watarai, Milena Sarti, Paula Chiaretti, Nilton Milanez e Fábio Tfouni. Na Argentina, María del Cármen Lorenzatti e Mariana Tosolini.

E também aos colegas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, especialmente aos alunos de graduação, em especial à Geiliana Ferreira Oliveira que afinou meus laços com sua avó, dona Ana Maria; e aos alunos de Pós-Graduação e orientandos que fazem parte do Grupo de Pesquisa sobre narrativas, práticas letradas e discurso (Grinpraled/CNPq/UESB).

E à dona Madalena (in memoriam) e dona Ana Maria, exímias contadoras de histórias e aos cordelistas.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
<i>Claudemir Belintane</i>	
APRESENTAÇÃO.....	17
INTRODUÇÃO	23
1. ESCRITA E ORALIDADE EM UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DE LETRAMENTO	27
2. LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA: DEFERÊNCIA, CONDUTA E O GROTESCO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO EM UMA SOCIEDADE LETRADA	53
3. UMA REDE DE MEMÓRIA SOBRE CAVALARIA, CAVALGADAS, REINOS E HERÓIS: UMA INTERFACE ENTRE NARRATIVAS E CORDÉIS	151
4. LETRAMENTO E ORALIDADE: ENTRE NARRATIVAS E CORDÉIS.....	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
REFERÊNCIAS.....	207

O que é que pode fazer o homem comum
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar
A vida comovida
Inteiramente livre e triunfante?

O que é que eu posso fazer
Com a minha juventude
Quando a máxima saúde hoje
É pretender usar a voz?

O que é que eu posso fazer
Um simples cantador das coisas do porão?
Deus fez os cães da rua pra morder vocês
Que sob a luz da lua
Os tratam como gente – é claro! – aos pontapés

Era uma vez um homem e o seu tempo
Botas de sangue nas roupas de Lorca
Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!
Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa
Esta é minha canoa: Eu nela embarco
Eu sou pessoa!
A palavra pessoa hoje não soa bem
Pouco me importa!

Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca bouve!

Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!

(Canção do meu lugar, do álbum
“Era uma vez o homem e seu tempo”,
Antônio Carlos Belchior, 1979)

PREFÁCIO

Claudemir Belintane

Interessante ler um livro após ter convivido algum tempo com seu autor e ter acompanhado seu entusiasmo durante o processo da pesquisa e da própria escrita. Andando pelas ruas de São Francisco Xavier (SP) ou em algumas trilhas da serra da Mantiqueira onde nossas famílias se encontram uma ou duas vezes por ano, tive o prazer de compartilhar de suas ideias iniciais sobre este belo livro. O inusitado de buscar nos livretos de cordel, em sua ampla diversidade temática, pontos de ancoragem de alguns tópicos de cultura oral e de registro dos costumes e encenações civilizatórias oriundas da Europa, não só entusiasma como abre uma linha de pesquisa de alto interesse – era o que constatávamos.

Lembro-me de Anderson comentando alguns cordéis e insistindo em uma releitura cujas referências seriam o “charivari” e o “asouade”. Imagine, leitor, um homem montado em um burro, mas com o corpo ao contrário, com o rosto virado para o lado da traseira do animal e em torno dele uma algazarra de pessoas o amaldiçoando e rindo ao mesmo tempo?! Que teria ele feito? Qual teria sido seu erro para receber essa estranha punição pública? Há algum processo parecido com isso no Brasil? Podemos dizer, um julgamento para servir de exemplo por meio da expiação pública de tal modo que a cena funcionasse como uma chave civilizacional! Por outro lado, essa cena grotesca também pode extrapolar essa função expiatória e abrir-se como algo ficcional, disposto a ser interpretado, carnavalizado e constituir narrativas,

personagens típicos, cheio de ambiguidades, um exemplo entre nós seria o nosso famoso Pedro Malasartes ou personagens conhecidos, como João Grilo, Canção de fogo, Biu Doido, Seu Lunga (este, difere um pouco, mas sua “tolerância zero” diante da obviedade também põe de sobreaviso a fala ingênua e serve como alerta para que o sujeito fique atento à sua(i)lógica discursiva) – não é por acaso que esses personagens ganharam notoriedade nos livretos de cordel.

É essa trilha que este livro perscruta e entretece discursivamente, lançando mão de uma vasta e culta bibliografia, trazendo para o leitor um lugar privilegiado para interpretar esses “modos de decifração do outro” e seus atravessamentos no caminho moebiano entre oralidade e escrita.

Sabemos que a escrita, apesar de ter a oralidade como parceira, sobretudo na literatura, procura se depurar e dela se afastar em seus objetivos de eliminação da ambiguidade e daquilo que supostamente não seria mais relevante (o mítico, o fantasioso, as narrativas picarescas etc.) – diria Nietzsche e Foucault, trajetória esta alimentada pela “vontade de verdade”, pelo expurgo do anormal, do diferente. O trabalho de Anderson descose esse compromisso e o recose enviezadamente de tal forma a trazer trajetórias interpretativas possíveis, que valorizam desde o indício (seu compromisso com Carlo Ginzburg e Leda Tfouni) às descobertas de encenações cotidianas medievais e renascentistas (na trilha de Bakhtin e outros) que podem ser reinterpretadas em seus avatares modernos e contemporâneos – do cordel à Internet, das histórias exemplares (Histórias de Trancoso) às fakes News contemporâneas, que aproveitam a ingenuidade pouco letrada de milhões de brasileiros para carimbar pechas dando outras interpretações às suas crenças (por exemplo, mostrar que candidato tal é devasso ou profanador de mitos

religiosos). Trabalho mais do que necessário essas redescobertas de trilhas.

Em relação à gostosura de ler também quero deixar minha impressão: o capítulo I exige firmeza do leitor, de preferência ponta de lápis no grifo e anotações laterais, pois a trama teórica, talvez em razão da economia de páginas, é enxuta e complexa. Atravessada essa primeira parede, os demais capítulos abrem-se em generosidades de todo tipo, é possível rir e até mesmo se deleitar enquanto se coteja o jogo das “fachadas” e tipos medievalescos com nossos bem-humorados autores de cordel, com seus títulos berrantes, de onde o analista mais experimentado já vislumbra algum tipo de memória discursiva a ser ativada e reinterpretada. Interessante entender o cordel assim, o lugar dessa autoria que parece pôr de prontidão seus escritores-orais (o cordel traz o ritmo e as formas da cantoria) diante das possibilidades dos desvios civilizacionais, desde o fazendeiro violento que será desdenhado às diferentes modalidades de cornice e quebra de pactos e laços sociais. Moralista, o cordel? Sim, com certeza, mas o humor o atravessa também, tematiza o grotesco, o risível, os exageros civilizacionais.

A análise dos cordéis põe-nos diante desse saber bem sabido, mas também “não sabido”, com seus desvios entre a cultura oral e as bordas da escrita popular. Bem sabido, no sentido de que está lá a prontidão de um intérprete que relança o que vem da memória oral por meio de uma escrita formular, poética, capaz também de retornar à oralidade, completando uma circularidade, por exemplo, como a que se deu com as “Contos e Histórias de Proveito e Exemplo” compiladas por Gonçalo Fernandes Trancoso no século XVI e que no Brasil retornou à oralidade ágrafa e até alimentou e inspirou cordéis no século XX, chegando a ponto de a expressão “história de Trancoso” ser utilizada para dar um flagrante em uma

mentira em ato (“ah, sai pra lá, isso é história de tranco-so!”). Além dessa circularidade entre o oral e o escrito, chama à atenção este fenômeno grandioso, as subjetividades que são expostas a modos de interpretação e de interpelação que atravessam os séculos, mas denunciam por trás de si motivações inconscientes, esforços civilizacionais às vezes aparentemente precários, mas duradouros e tão eficientes que sua permanência no tempo pode ser atestada por esta e outras pesquisas.

Não é por acaso que o autor utiliza também a psicanálise em suas reflexões, pois a relação entre psiquismo, linguagem e discurso desvela a agonia humana (aqui, também no sentido grego, de agon, luta, guerra) e suas inevitáveis manifestações languageiras. Agora, provocando o autor e brincando com a sua pergunta final (“afinal, diante do universo oral e da escrita majoritária, como a oralidade se organiza?”): oralidade e escrita resultam da mesma agonia contra o esquecimento, luta de Mnemósine e suas filhas Musas contra o fugidio Lete, que leva suas águas para a morte. A verdadeira oralidade – não a fala cotidiana em gêneros primários e fragmentários, mas aquela formular, aquela do oráculo, do rapsodo, do vate, do bardo e das crianças – faz-se escrita em sua luta por textualização, por matrizes memoráveis. Ambas são irmãs e, como tais, rivais e amigas. Se a escrita gráfica esnobou a oralidade formular ao longo dos séculos passados, agora no XXI, esta começa a acreditar que chegou a sua vez nos suportes eletrônicos em cujos circuitos pode registrar até seu timbre. A falsa escrita atual da internet mais revela a irmã do que a apaga, aliás, se quiser continuar existindo, mesmo na literatura, sabe que não poderá dispensar o tom, a dicção e sua musicalidade, “Nonada, tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja.”

Vale a pena ler e estudar este livro, é chave para se compreender as dimensões moebianas entre oralidade, escrita, discurso e psiquismo. Boa leitura! Bons estudos!

APRESENTAÇÃO

A epígrafe de todo este livro é a poesia acima, de Belchior: “conheço meu lugar”. Poeta, cancionista, cantor popular em tom de sensibilidade estética aguçada, o compositor trata de questões aqui caras: o anonimato e a envergadura da produção estética humana, a invenção de universos fictícios nunca distantes da realidade, lugares de origem e de chegada que mais indicam a travessia do que segurança e certeza, o paradoxo da existência entre o homem e o cão que ele mesmo cria para lhe morder e o qual finge civilizar.

Há a menção à ditadura civil-militar (1964 a 1985), no Brasil, e à perseguição ao poeta García Lorca na ditadura Franco, na Espanha e que, cada uma a seu modo, perseguiu a poesia indomável pela besta fera do autoritarismo. É poesia atenta ao valor político da própria existência. Que dá valor às origens, mas não de forma pueril e idílica e sim mostrando as raízes particulares do universal, sem também cair no provincianismo. De toda sorte, são questões também abordadas neste livro, principalmente porque aqui mergulho em algumas das várias narrativas e cordéis que compõem parte do universo letrado brasileiro. E uma vez que debruçadas sobre narrativas e cordéis. Sobre a literatura de cordel. Falamos do Nordeste brasileiro, mas “Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve”.

Embora bem arraigadas no cenário editorial brasileiro, obras que abordem a natureza conceitual deste campo de estudos em amplo alcance e focada nas noções de sentido, sujeito, interpretação e alteridade são bem-

vindas porque contribuem com um debate que longe de se esgotar se reinventa pelo constante e necessário resgate deste vigor político que nos une. Esta natureza conceitual é aqui abordada por meio de um debate sobre algumas questões como letramento, escrita, oralidade, autoria; especificamente entre a literatura de cordel e narrativas orais.

As leituras podem seguir caminhos em função daquilo que mais provoca aqueles que por meio destas conduzem questões decisivas de pesquisa. É por isso que decidi compartilhar neste livro a leitura cotidiana e a investigação acadêmico-científica de aportes conceituais de autores como os que se apresentam em torno desta problemática. Para além disso, apresento neste livro a análise de várias produções de linguagem do cotidiano brasileiro e que nos marcam simbolicamente, com destaque para a Literatura de Cordel e para narrativas orais de ficção.

Apresento aqui a análise principalmente das narrativas contadas por uma mulher de baixíssima escolaridade que colaborou com um banco de dados por mim organizado em Itapetinga – BA, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; e, também, por alguns recortes a que fui remetido, das narrativas de dona Madalena, uma mulher não-alfabetizada que colaborou por muitos anos com o banco de dados coordenado pela profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni na USP em Ribeirão Preto – SP, banco este em parte por mim organizado entre 2005 e 2007. Um trilhar por caminhos desafiadores com o compromisso de resgatar e valorizar nosso cotidiano linguageiro, reinserindo o compromisso do debate acadêmico com questões que incorporam o jogo da alteridade.

As questões aqui levantadas foram debatidas e investigadas conforme este paradigma do local, imerso entre a realidade e a ficção, focado em grande medida neste universo embrionário que é o Nordeste brasileiro, suas narrativas e seus cordéis e o que preservam de alteridade de nós sobre nós mesmos. Do universo ficcional brasileiro e sua alteridade para as cantigas, rimas e poesias populares fundamentadas em sua consistência histórica, política e cultural deste legado no sujeito moderno brasileiro.

Suas artimanhas nos modos de aparição pública, suas reinvenções, seu universo ficcional, trivial, ordinário e também que reivindica originalidade. Por este caminho, o livro responde às questões sobre nuances do código escrito atravessado pela oralidade que portam marcas históricas do cotidiano em uma sociedade letrada. Percorre pistas e indícios sobre as formas de exposição pública e de construção da singularidade pelo sujeito comum e seu universo linguageiro. Ao analisar formas de deferência discute-as como formas de interpretação do Outro, tecidas em narrativas orais e na literatura de cordel.

O distanciamento do Outro em contraste com uma aproximação que nos torna comuns tal como aparece em narrativas orais e em folhetos de cordéis muito pode nos revelar sobre a sociedade letrada brasileira. Afinal, quem e como interpreta um lugar pré-definido e reinventado pela realidade e pela ficção? De que forma este percurso é feito em um universo que parece arcaico, distante, simples e ingênuo, mas que na realidade preserva a força das matrizes de nossa identidade linguageira constantemente lançada no cotidiano?

Isto porque a realidade de uma sociedade letrada não se faz apenas pela presença de leitores e de leituras de textos que circulam entre os discursos altamente letrados, suas formas de interpretar tão fechadas e refêns dos academicismos, mas extrapola este universo e circula em várias esferas do letrado no cotidiano. Um cotidiano que não se reduz à prática textual, às práticas formais e escolarizadas da leitura e da escrita e que tecem um emaranhado de práticas de linguagem desconhecidas de nós mesmos, mas que permanecem e podem ser resgatas. Sair do plano do recalque e da invisibilidade e funcionar de maneira ainda mais decisiva quando trazidas para o primeiro plano.

Sendo assim, esta obra trata destas práticas letradas – narrativas orais de ficção e folhetos de cordel – do ponto de vista da relação entre oralidade e escrita e conforme a investigação e o debate da relação do sujeito moderno brasileiro do cotidiano determinado pelas formas de alteridade que o perfazem no espaço público, seu reconhecimento social e suas formas de transitar na ficção e na realidade da sociedade letrada. Parte da conjuntura sócio-histórica desta determinação é analisada conforme o que escapa, deixa rastros deste percurso cotidiano do sujeito em uma sociedade letrada em que realidade política e ficção se confundem e podem ser tratados pela pesquisa de seus arquivos vivos que documentam o cotidiano e a história destas práticas. Seus heróis, suas artimanhas, seus modos de sobrevivência em meio às dificuldades, fundamentam-se na cruzada e nas reviravoltas do contraste entre o público e o privado, entre o invisível e opaco e o reconhecimento social destes tipos comuns/personagens.

Para citar um ponto decisivo, neste livro demos ênfase aos rituais de exposição pública comuns da Europa da baixa Idade Média, possíveis de serem identificados como parte de uma reinvenção ficcional, mas que se ratifica de forma contundente no cotidiano de narrativas orais e em folhetos de cordéis. Afinal, quem execra, humilha, expõe, achincalha o Outro? De que forma o faz e por que o faz? Quais as heranças destes *modus operandis*? Qual a relação entre um homem punido socialmente e exposto, obrigado a cavalgar em cima de um asno com a cabeça voltada para trás em um ritual de linchamento moral e nossa forma cotidiana de leitura do preenchimento e da ausência como forma de decifrar e se inscrever como coletividade no espaço público? Formas mais antigas? Talvez. Muito atuais, por outro lado? Certamente. Aqui atualizados por nossos gestos de análise sobre a memória.

É a análise do que é estabelecido como norma e alteridade no campo do ficcional e do grotesco, para assim tratar do cotidiano de alhures que significa a atualidade. Nossas formas de apreciação, de culto às celebridades inventadas e de linchamento moral, podem ser repensadas tendo em vista estas raízes do que somos e éramos, entre ficção e realidade, na verdade construída por meio do código escrito atravessado pela oralidade. Que relação esta forma de expor o sujeito, de expor o Outro, de marcar um lugar e apagar outro lugar mantém com nossa forma de ocupar, interpretar e organizar o espaço público?

Que narrativas são estas que, ao marcar estes lugares, também permitem a subversão do que parecia sempre estagnado em algum lugar social e político? Estas questões são conduzidas a partir de pressupostos do campo de estudos do letramento, a saber: a relação entre

oralidade e escrita; a impossibilidade em se defender a superioridade da escrita sobre o oral; a inviabilidade da defesa de uma suposta superioridade de um grau de letramento sobre outro.

O homem comum sangra e mesmo quando muitas vezes não percebe motivos para sorrir, faz alguma festa, como aponta a poesia de Belchior. E o faz em meio às práticas cotidianas de linguagem, seus modos de contar histórias reais sempre misturadas com ficção. E realiza estas práticas registrando-as na memória oral ou pelo folheto impresso, que também traz marcas de oralidade, ritmos, rimas e modos de conversar com o outro e com o mundo. Desta forma usa a voz, usa vozes, é marcado pela polifonia que inaugura e instala o moderno e relativiza o ultrapassado. Dá e recebe pontapés por meio de histórias tortas, porcas, sobre porcas e asnos que são o outro e ao mesmo tempo indica que somos nós mesmos.

INTRODUÇÃO

De início, letramento e autoria. Um ponto de partida desde meu doutorado e um ponto de chegada para novos territórios. A autoria é comumente pensada em nossa realidade como uma transgressão, a marca de uma infração, um crime, uma farsa ou uma marca singular que se faz notória por um indivíduo que se supõe aquele que suporta esta marca. Ela também configura uma cena. Um evento, um acontecimento que teve um percurso, uma história. E que deixou rastros. Rastros trazidos pelo formato de trilhas. Portanto, a autoria é uma questão a ser discutida conforme o paradigma da escrita como traço, como enigma, como pista. Concorde o universo que toca os limites do sujeito na interface com o invisível, o sensível e o intuitivo.

Deste modo, requer pensar a transgressão de um código (escrito), deslocar o invisível para o plano do sensível e do intuído e sempre reorganizar a cena enunciativa analisada conforme a recuperação de grande parcela do que não parecia acessível diretamente. Requer considerar questões ligadas aos estudos sobre oralidade, escrita e letramento. Por ser uma questão sobre interpretação é uma questão discursiva.

A partir destes pontos, a produção deste livro foi em parte resultante do desafio no campo dos estudos da linguagem de dialogar com perspectivas que permitam uma reflexão sobre estas questões pelos caminhos que atravessamos ao investigar trilhas do discurso dispostas no cotidiano.

A partir do contato com textos comumente discutidos e com os desafios de sustentar no universo acadê-

mico debates que se comprometam com o cotidiano, por meio também de uma perspectiva que integre o pressuposto do sujeito como intérprete e o campo discursivo, começo uma reflexão a partir do diálogo entre os autores que mais tem circulado no contexto ocidental e, mais especificamente brasileiro.

Voltando-me não para um diálogo e embate entre estas perspectivas, mas para o modo pelo qual consolidaram um lugar especial no debate acadêmico, bem como o modo pelo qual articulam caminhos para tratar da postura interpretativa do pesquisador, resgatei reflexões que venho fazendo em diversos trabalhos acerca da relação entre sujeito, sentido e interpretação e, desde principalmente minha pesquisa de doutorado, sobre a relação entre oralidade e letramento.

É Ginzburg (1989) e sua discussão sobre o paradigma indiciário quem nota como o eixo interpretativo abasteceu e ao mesmo tempo colocou em suspenso o campo das denominadas Ciências Humanas e Sociais. A interpretação é parte recorrente deste ponto decisivo, fluido, fragmentado e fugidio. E esta questão é afim a alguns pressupostos bakhtinianos, foucaultianos e pecheutianos, porque estes autores ousaram se embrenhar em caminhos de reviravolta, de giros em termos da postura em que foram implicados como pesquisadores e pensadores da linguagem e do discurso.

No primeiro capítulo afino este debate pela retomada de algumas questões já familiares desde minhas pesquisas anteriores de mestrado e de doutorado e aqui apresentadas em uma reflexão inédita; e também por meio de análises realizadas por ocasião do desenvolvimento de pesquisas mais recentes. É este último o foco que compõe o segundo e o terceiro capítulo. Nestes, tra-

zemos análises de *corpora* linguístico-discursivos formados por folhetos de cordel e narrativas orais.

Especificamente sobre o lugar de intérprete do sujeito-autor e sua relação com sentido e interpretação, aprofundando algumas questões por meio da análise de outros *corpora* e que incluem diversas esferas da alteridade dispostas em produções do cotidiano, a saber: Literatura de Cordel, narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada e por uma mulher de baixíssima (quase nula) escolaridade. É nestes segundo e terceiro capítulos que resgato o que nos tem sido mais caro no cotidiano acadêmico: investigar o universo linguageiro brasileiro de modo a desvelar parte do enigma da circulação de diversos saberes na forma oral e escrita que, em constante intercâmbio, constituem nosso universo letrado, universo este de que resultam algumas reflexões (nunca acabadas) no quarto e último capítulo.

É por trilhar universos discursivos desnivelados e que se entrelaçam em um prisma de jogos interpretativos venatórios que se voltam ao passado, como afirma o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), e que por isso estão compromissados com a atualização da memória que pretendemos escavar algumas profundezas de identidade e assinalar trilhas do discurso.